

## Não disse nada

João Armando Santos Gomes

O Diogo desviou o olhar e disse: Não.

Como se não tivesse importância.

E eu fiquei sozinha, parada no tempo, a olhar para o fantasma dos olhos dele, a ecoar aquela palavra nos ouvidos, perda de sentido até perceber tudo.

E tudo era nada, excepto eu, que não chegava para mim. Ele morto, passado, desligado, ainda a respirar ali ao lado.

Podia ter-me rido. Devia ter-me rido de nervoso. Inventado que tudo não passava de uma brincadeira. Ambos saberíamos que era mentira. Ele não ousaria contestá-la. Cobarde.

Ele, não eu. Digo isto porque não me ri. Levantei-me e corri o mais que pude. Tive vergonha das minhas lágrimas que no ímpeto da corrida nem chegaram a passar-me pela cara. Senti-me enganada pela minha esperança que em verdade não era falsa. Corei de traição, ou de calor e calei um grito com um suspiro que ninguém intuiu na minha respiração sôfrega de quem se está a afogar.

E continuei a fugir. Não dele mas daquele “não” seco, lacónico e definitivo. Cruel de desinteresse e apatia que explode numa multiplicação exponencial de “Porque não?”.

Tenho a cabeça a explodir. Falta de oxigénio faz isso. Pensar demais também. Ambas ao mesmo tempo... fazem-me parar. Paro tão bruscamente que o resto do mundo continua a girar. As tonturas fazem-me náuseas. Ele não. Ele cheira deliciosamente. A terra molhada pela chuva e pirolitos. A felicidade...

Porque não?

Amparo-me no gradeamento que agarro com força. Agarro-me ao desconforto das mãos transpiradas que deslizam ásperas dos pedaços de tinta velha que se colam à pele.

Descartável. Gretada. Feia. Eu só.

E o mar lá longe. A telhados de distância infinita, demais para me afogar. A certeza tranquiliza-me. Quase consigo pensar. Parar de agir. Parar de fugir.

Solto-me do gradeamento e ando para trás, sem olhar, até ao banco de jardim para onde me atiro caída por intuição. Sem chão. Só o banco. Duro, seguro, meu. Onde passo o Diogo em memórias arrancadas ao coração. Agora muito mais calmo. Quase a parar. Como eu.

O primeiro beijo: roubado, só meu. A primeira noite: amor meu, só meu. A primeira manhã depois da primeira noite: ele a dormir e eu acordada, a sonhar.

Distraí-me e sentou-se alguém ao meu lado. Do outrolado do banco. Ainda não olhei mas sinto-o lá. Diogo...

Viro-me mal ele me vem à cabeça. Ele que não é o Diogo, olha em frente sem nada ver e pergunta sem se mover: Incomodo?

Ele que não é o Diogo, um desconhecido indiferente à dor, só minha até alguém me roubar, incomoda sim. Como moscas ao redor do suor, a esbarrarem contra o meu corpo sem o ferir. Não, não incomoda. Acabo por dizer, sem coragem.

Ele, indiferente, ausente e presente, deixa-se ficar. Como um calhau sem ter para onde ir.

O corpo empedernido pelo frio dentro casaco preto comprido, as mãos nos bolsos e a cabeça tapada por um chapéu formam um bloco maciço e uniforme pouco revelador.

Ele, que deveria ser o Diogo mas não é.

Porque não?

Porque amo certa que sou amada. Porque amo a troco de nada e acho que é tudo. Porque não posso deixar de ser quem sou.

Tua, Diogo. Toda tua, só tua, nua, tua...

Mesmo com merecida raiva, ódio, nojo. Tua, ainda tua, nua.

Até o tempo passar. Devagar. Dias, meses, anos até me esquecer de contar, de contabilizar a tua ausência, de sentir a tua indiferença.

Até me esquecer da tua cara, do teu corpo, do teu e do nosso cheiro, da tua voz e do teu silêncio.

Até me sentir... abandonada. Perdida com um mapa sem legendas nem escala que só por sorte ou fé me levará a lugar algum. Apenas para começar tudo de novo.

Porque não?

Porque me sinto exausta. Distraída da vida e demasiado longe da morte.

Porque quero-te muito e não quero mais nada.

E o telemóvel não toca e eu ainda só conto minutos desde que me disseste: não.

E eu, derrotada, desesperada, furiosa, magoada só tenho força para esperar que tu apareças, que faças uma cena, me chames nomes, sejas cínico e seco.

Para eu te responder, bater, agarrar, beijar...

Mesmo em frente ao calhau ao meu lado. Para ele saber que incomoda, e muito.

Porque não?

Porque um “não” basta-te. Não precisas de mais nada, não sentes mais nada, não esperas mais nada.

Viras-me as costas sem as desculpas que não sabes pedir nem as explicações que insistes em não dar. Cobarde.

Tua, só tua, meu grande palerma, burro, desgraçado, cagão. Cheio de medo de mim que só me quero tua sem te tirar a nada nem ninguém.

E mesmo assim, abandonaste-me. Desfizeste-te de mim com um único pensamento sem mais pensar, mais rápido e indolor do que se se tratasse de uma peça de roupa ou calçado que teimas em usar até às últimas e bem para além delas.

Desististe.

E eu, aqui, não insisti. Ponto para ti que gostas de os contar. A todos.

Resultado final: eu perdi e tu nunca estiveste disposto a ganhar. Um empate técnico por desqualificação simultânea.

Ao levantar-me sinto o peso da tua ausência mas levanto-me. Começo a caminhar a custo, a esvair-me lentamente em ranho e lágrimas e afasto-me do banco de jardim.

Avanço 5 passos até a imagem do calhau ao meu lado me fazer rodar a cabeça para trás. Não se mexeu nem um milímetro, permanecendo imóvel, estático, concreto, absoluto, alheado, permanente em corpo e ausente em alma, como um calhau.

E nesse exacto momento apercebo-me de que afinal aquele calhau és tu, Diogo. Sempre foste tu, agora, ontem e amanhã. Um paralelepípedo rígido, insípido e incolor que me incomoda e muito.

- Adeus! - digo ainda antes de recomeçar a andar. Só depois me ocorre que os calhaus não me podem responder.

E tu agora também não.